



“ENTRE A REALIDADE TANGÍVEL E A FANTASIA CRIADORA”: A MIGRAÇÃO
PARA A AMAZÔNIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO E
EUCLIDES DA CUNHA

* BRUNO DE BRITO DAMASCENO

Resumo: A presente comunicação procura analisar o movimento migratório cearense para a Amazônia, na transição dos séculos XIX e XX, através da construção escriturária realizada por Rodolfo Teófilo (1853-1932) e Euclides da Cunha (1867-1909). A produção destes escritores nos permite, em âmbito mais geral, refletir como os grupos letrados entendiam as demandas, por um lado, de uma “fundação artística da nacionalidade” que precisava contemplar experiências culturais díspares (a trazida pelo migrante em relação a existente no espaço amazônico) e, por outro, da construção de uma imagem civilizada do país aos moldes europeus, que entravam em choque com a realidade mestiça da população, constituindo um dilema para os homens de letras do período. Em caráter particular, analisar como a questão da migração, para além do fator econômico, da inserção e dos deslocamentos de uma mão-de-obra ativa, despertou mais intensamente a existência (ou não) de laços de pertencimento, de sentimentos de empatia, de possibilidade de partilha, entre o indivíduo letrado, detentor de um saber científico, e o indivíduo migrante, que tem sua experiência representada. A construção da experiência da migração pelos círculos letrados era marcada por visões em disputa, pautadas numa dicotomia de prisão/liberdade, uma vez que as representações sobre o espaço cearense vinham, por um lado, marcadas pelo caráter de pobreza e carência de recursos para sobrevivência cotidiana, tendo como única solução a migração, e por outro lado, a partida do torrão natal significando uma expatriação desnecessária, posto que o local de destino, a Amazônia, seria pior em termos de solidão e desestruturação identitária. Euclides e Teófilo promoveram uma crítica contundente a ação do Estado sobre a população migrante (imposição de péssimas condições de viagem, falta de assistência no local de chegada), possuíam certa divergência quanto à margem de atuação dos indivíduos que se deslocam, já que para Euclides os migrantes teriam entendimento de ter sido uma escolha pessoal estarem na Amazônia, já para Teófilo estes teriam, em maior parte, sido enganados pelas propagandas realizadas pelos tão conhecidos “paroaras”. Como fontes de referência estão obras *À margem da história* (1909), de Euclides da Cunha e *O Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo, em articulação com a produção escrita em jornais e revistas literárias do período e os documentos produzidos pelos governos do Ceará, Pará e Amazonas. Por fim, a obra literária não é objeto de reflexão para a História em virtude de justapor dados reais em seu enredo, mas sim por permitir vislumbrar as maneiras de pensar de quem as produziu. Cabe, portanto, ao historiador, diante da literatura reordenar a leitura de mundo feita pelo escritor no momento da escrita.

Palavras-chave: Literatura; Migração; Amazônia; Euclides; Teófilo.

Rodolfo Teófilo entra na última década do século XIX, circunscrição de tempo que concentra grande parte de sua prosa de ficção, conhecido no campo das letras pela participação nos jornais e revistas literárias de Fortaleza e, sobretudo, pela publicação do livro **História da Seca do Ceará (1877 a 1880)** em 1883, onde realiza um estudo sobre as motivações das secas e as maneiras de minorar seus efeitos. Este livro possibilitou a entrada de Rodolfo Teófilo nos quadros do IHGB como sócio-correspondente. Atua em variados ramos de atividades para promover sua sobrevivência. Tinha farmácia própria, espaço que servia, inclusive, para venda de seus livros (SILVA, 2011); era industrial, na fabricação de bebidas não alcoólicas, como a cajuína (SOMBRA, 1997); atuava na docência, sendo professor concursado do Liceu do Ceará¹.

Em sua atividade escrituraria procura abordar as principais questões e problemas do Ceará, e dentro deste programa insere-se a questão migratória para a Amazônia. Essa preocupação mostrada por Teófilo em formar um quadro inteligível do Ceará por meio da literatura demonstra a importância que as obras literárias ocupavam no cenário intelectual nacional. Como destaca Candido em **Literatura e Sociedade**, na falta de um arcabouço científico desenvolvido no Brasil, coube a literatura procurar explicar, inicialmente, e pontuar os primeiros marcos da nacionalidade (CANDIDO, 2006). Nas palavras de Sussekind (1990), a busca pela definição das origens culturais da nação permitiu aos escritores colocarem-se como agentes principais de fundação artística da nacionalidade.

Para tratar a questão da migração à Amazônia, Teófilo compõe o romance **O Paroara**, quarto romance, publicado em fins de 1899². A obra está dividida em 50 capítulos indicados apenas por números romanos, sendo cada um deles com uma média de 8 a 10 páginas. O romance acompanha a trajetória de vida de João das Neves, agricultor pobre da região do Quixadá, que diante aos revesses financeiros vividos decide emigrar para a Amazônia, horizonte de riqueza e abundância no período. A narrativa é desenvolvida em terceira pessoa, com narrador onisciente, que em determinadas situações evita nomear lugares e pessoas, para

* Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em História Social. Financiamento: CAPES.

¹ No ano de 1905 há uma reforma na grade curricular do Liceu do Ceará. Mediante uma manobra política Rodolfo Teófilo acaba por perder a vaga de professor que possuía. Atribui o fato a uma retaliação por sua postura crítica sobre o governo de Nogueira Accioly. Ver: TEÓFILO, 2005.

² O romance teve uma segunda edição em 1974, publicada por iniciativa da Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, com organização e introdução de Otacílio Colares, atualizando a ortografia da primeira edição.

não identificar alguns personagens reais. A estrutura temporal é linear a partir do cap. 9 (estabelecendo os acontecimentos entre 1897-1899), com os caps. 1-8 funcionando para apresentar as personagens principais – João das Neves, Chiquinha (esposa de João, mulher forte, virtuosa, filha de tísicos) e padre Mourão (religioso virtuoso, padrinho de João e Chiquinha) – suas características psicossociais e experiências de vida entre as décadas de 1870-1880. As temporalidades do enunciado (narrativa) e da enunciação (obra) caminham de forma paralela. A parte final do romance, com o retorno de João das Neves ao Ceará, situa-se em meados de agosto de 1899, sendo que a publicação da obra dá-se em novembro do mesmo ano. Explicitando, assim que para Teófilo, como para parcela dos escritores, a literatura servia enquanto espaço para questionar o vivido, que por meio de um trabalho estético o escritor confeccionaria um produto capaz de educar os leitores. Logo, a literatura deveria falar dos problemas que afligiam a sociedade em seu cotidiano.

Euclides da Cunha (1867-1909) quando produziu suas reflexões sobre a Amazônia já era o escritor consagrado pela publicação de **Os Sertões** (1902), que lhe credenciou a entrada como membro no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1903 e na Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1904. Todavia, como observa PEREIRA (1994), a fama e o prestígio intelectual para os escritores da geração de Euclides, tais como Coelho Neto, Arthur Azevedo ou mesmo Machado de Assis, não se convertia em retorno financeiro, obrigando-os a trilhar outros caminhos em busca da sobrevivência, como no funcionalismo público ou nas redações dos jornais (PEREIRA, 1994: 42-45). Euclides não fugia a regra, e repartia seu tempo entre leituras, cálculos e lombos de burros (GALVÃO; GALOTTI, 1997: 220).

Nesse sentido, a possibilidade de trabalhar como funcionário do Ministério das Relações Exteriores, primeiro na função de chefe da Comissão brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus (1904-1905)³, responsável pelo mapeamento e definição das fronteiras litigiosas em decorrência da anexação do Acre ao território brasileiro (1902), depois como cartógrafo do ministério (1906-1909), permitiu-lhe a obtenção de alguma estabilidade

³ Comissão mista formada por representantes de Brasil e Peru responsável por delimitar as fronteiras entre os dois países e atualizar os levantamentos cartográficos realizados por William Chandlees no século XIX e Manuel urbano no século XVIII, devendo percorrer o trajeto do Rio Purus até as cabeceiras do Madre de Dios. Euclides descreve os transcorrer e os desafios da viagem em dois registros: Relatório da Comissão de Exploração do Alto Purus de 1906 e À Margem da História (1ª parte) de 1909. Havia ainda uma segunda Comissão que deveria percorrer a extensão do rio Madeira para estabelecer os limites do território brasileiro com a Bolívia. Desta Comissão, organizada a partir de 1907, Euclides recusou-se participar. Ver em: GALVÃO; GALOTTI, 1997.

financeira e representou o contato com a Amazônia, que serviu aos seus interesses de continuar a pensar a nação como reformador social, denunciando as ações negativas perpetradas contra a terra e a gente, como nas palavras dirigidas a Coelho Neto em 10 de março de 1905: “Nada te direi da terra e da gente. Depois, aí, e num livro: Um paraíso perdido, onde procurarei vingar a hibe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII. Que tarefa e que ideal” (GALVÃO; GALOTTI, 1997: 266); mas também refletir a nação a partir dos interesses geopolíticos do Estado, relacionado à soberania territorial e sua importância para o progresso nacional (PONTES, 2005).

A questão identitária era a preocupação central dos intelectuais do período. Tornava-se urgente a estes homens a forja de um sentimento coletivo de pertencimento, uma vez que o Estado, enquanto organização administrativa, não dava conta desta construção. Consideravam-se os agentes ideais para tal tarefa, visto serem os detentores dos saberes necessários para estudar e, sobretudo, transformar a sociedade (PEREIRA, 1994: 33), por meio da construção de uma narrativa ideal sobre o espaço, nacional e regional, e seu povo (SUSSEKIND, 1990). No entanto, viviam um dilema, na proporção que precisavam articular a realidade local, de mestiços e de migrantes, a um arcabouço teórico de base europeia, alicerçada em uma vertente evolucionista e determinista, que em certa medida vislumbrava como degenerância e promotoras de incivilização estas características. E como solução para tal impasse estes escritores realizaram uma espécie de “sincretismo ideológico” (VENTURA, 1991: 40), onde, num primeiro momento, escolhiam as teorias disponíveis, e em seguida, selecionavam os elementos que consideravam pertinentes, descartando “o que de alguma maneira soava estranho, principalmente quando essas mesmas teorias tomavam como tema os ‘infortúnios da miscigenação.’” (SCHWARCZ, 1993: 41). Esse trabalho de “miscelânea conceitual” pode explicar certo caráter contraditório da obra, posto que ao mesmo tempo em que Euclides apresenta a mestiçagem como atrasada e retrógrada promove sua valorização, pontua-se da mestiçagem do sertão. A capacidade apresentada pelo sertanejo na luta contra as adversidades da natureza e na resistência da guerra faz Euclides vislumbrar nele a capacidade de ser um agente geológico, capaz de modificar e agir sobre uma natureza violenta e inóspita, levando-o a construir a imagem do sertanejo “sendo antes de tudo um forte”. Euclides,

portanto, reconhece a importância da mestiçagem na formação cultural e social da nação e entende a Guerra de Canudos (como variadas intervenções promovidas pelo estado republicano) enquanto ato de mutilação nacional, pondo em oposição duas parcelas de Brasil, que precisavam caminhar paralelamente. O próprio Euclides, ainda sobre o trabalho com as ideias tomadas de empréstimo, no artigo “O Brasil Mental” (de Contrastes e Confrontos), estudo crítico de um livro de mesmo nome do autor português J. Pereira de Sampaio (Bruno), observa que a formação da nacionalidade estava ligada também a constituição de um corpo de ideias próprias que permitissem um entendimento da originalidade nacional (CUNHA, 1966: 401).

Euclides, no discurso de recepção à ABL, expressou que a construção do saber, que deveria abordar as contradições e limites das sociedades e dos homens, não poderia ser realizada por um indivíduo preso aos gabinetes, mas sim por aquele que se colocasse na posição de ver, observar, captar o mundo, uma vez que o processo de criação deveria partir do real, submetendo a fantasia ao plano geral da natureza, exigindo um consórcio entre arte e ciência (CUNHA, 1966: 206-207), que permitisse à linguagem da modernidade observar o real a partir da representação simbólica, uma vez que “a verdadeira impressão artística exige, fundamentalmente, a noção científica do caso que a desperta” (GALVÃO; GALOTTI, 1997: 183). Este entendimento de correlação entre o papel desempenhado pela capacidade criadora do escritor e o referencial dado pelo tangível inscreve-se profundamente na prática de escrita euclidiana. Por isso foi tão caro a Euclides da Cunha visitar *in loco* a Amazônia, e poder estabelecer comparações entre as leituras prévias dos viajantes naturalistas estrangeiros e suas próprias impressões. E Euclides não se nega a registrar que o contato com os espaços de análise, seja os sertões baianos ou a floresta amazônica, modifica suas próprias interpretações. Assim como Canudos de “nossa Vendeia” transmutou em “maior crime contra a nacionalidade”, a Amazônia da insalubridade passou a ser, em seu entendimento, a do “clima caluniado”.

A construção imagética em torno da Amazônia proposta por Euclides alicerça-se na tentativa de inserção da região nos quadros da nacionalidade, aos moldes do projetado com “Os Sertões”. No entanto, esta proposta parece dificultada, podendo ser tomada por ambígua (GINZBURG, 2010), diante as condições organizacionais da região, que impediriam a

estruturação de uma unidade espaço-temporal. O observador tomaria, portanto, contato com uma realidade em processo constante de modificação. Nesta assertiva é que Euclides estabelece a ideia da Amazônia enquanto “último capítulo do Genesis” (CUNHA, 1966: 205), ou seja, de uma realidade difusa e em gestação, e que por este motivo levaria o observador ao contato com sensações conflitantes, misto de êxtase e terror. Para Foot Hardman (2009), tal interpretação de Euclides demonstraria os limites da representação do real na modernidade, já que o caráter fragmentário dos elementos impediria o estabelecimento de bases identitárias precisas, o que num nível mais imediato dificultava a formação de uma nacionalidade homogênea. Problema que haveria se expressado, inclusive, na prosa amazônica euclidiana, que não conseguiu ter a mesma unidade estético-temática presente em **Os Sertões**, consistindo de uma produção ensaística dispersa entre os livros **Contrastes e Confrontes** (1907)⁴ e **À margem da história** (1909)⁵, visto que em vez de uma terra, uma raça e uma luta era necessário mapear várias terras, inúmeras raças e simultâneos espaços de luta. O que fez com que Euclides se perdesse na “vertigem do vazio”, seu projeto estético ficasse truncado e sua prosa ficasse prejudicada como o acesso ao paraíso perdido.

Rodolfo Teófilo, em sua produção intelectual, define a relação entre população e local de origem pelo binômio mãe-filho. Para Teófilo, dentro de um determinismo geográfico, a terra (mãe) e a população (filhos) podem, ao mesmo tempo, serem afetuosa ou ingratos. A seca e a miséria que atingem o Ceará são maldições atribuídas pela natureza, que moldam o comportamento destes homens na dureza e bravura, mas que não os impedem de se vincularem a ela por laços afetivos.

Há também um determinismo biológico, a partir da matriz indígena de composição étnica da população, que levaria o cearense a falta de previdência nos momentos de

⁴ Compõe-se de 27 artigos, sendo que 13 deles já haviam sido publicados anteriormente em periódicos (a quase totalidade no jornal “O Estado de São Paulo” no ano de 1904). Tratam de temáticas variadas, que podem ser reunidas em quatro blocos: a) política e diplomacia internacional – estudos sobre Uruguai, Alemanha, Rússia, Himalaia, Sul da Ásia, Estados Unidos; b) Fronteira e sociedade amazônica; c) perfis – padre Anchieta e Floriano Peixoto; d) arte – estudo sobre estátuas políticas, excerto de um conto, resenha de um romance; e) sociedade e cultura brasileira – garimpagem nas Minas setecentistas, estado das estradas de rodagem em São Paulo, queimadas, secas dos estados do Norte, análise do republicanismo nacional; f) Debates intelectuais – crítica a Spencer, socialismo e discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL).

⁵ Obra publicada posteriormente a morte do escritor. Compõe-se de quatro partes: Na Amazônia, Terra sem história (7 capítulos, sobre inúmeros assuntos relacionados a região), Vários Estudos (3 capítulos, sobre história e sociedade latino-americana), Da Independência a República (ensaio histórico) e Estrelas Indecifráveis (crônica). A escrita dos artigos tem origem nos estudos empreendidos pelo autor durante os anos de 1904 a 1909.

abundancia “o cearense não pode contar com o dia de amanhã” (TEÓFILO, 1974: 100); fatalistas com relação a seu destino, fazendo-os não temerem os perigos da Amazônia, uma vez que o “futuro só a Deus pertence” e predispostos “naturalmente” a emigrar, Com a eminência da seca agindo como gatinho para despertar seus instintos atávicos que se encontravam adormecidos:

O nomadismo da raça vermelha, transmitido por atavismo à população mestiça, a qual constitui talvez quatro quintos dos habitantes do Ceará, é o principal fator de despovoamento da terra cearense. Este instinto de vagabundagem inato no mestiço é alimentado por causas secundárias, entre as quais as secas e as irregularidades das estações ocupam o primeiro lugar. (TEÓFILO, 1974: 100)

Na visão racalista de Teófilo, em diálogo com as teorias científicas do período, a composição étnica da população mestiça com a população branca, produziria a melhoria social necessária ao desenvolvimento do país, vislumbrando na descrição feita da persona de João das Neves logo no início do romance:

A estas manifestações da raça branca [traços físicos] comprovando a lei do atavismo, se juntavam outras psíquicas de não menor valor: João das Neves tinha alma afetiva, era capaz de amar. Tinha outros nervos que não tem o selvagem, que ama os pais somente enquanto precisam deles. (TEÓFILO, 1974: 28)

Todavia, a visão não conduzia apenas para uma dimensão negativa. Teófilo compreendia que estes homens pobres, mestiços e migrantes, espelhavam uma força moral, apesar da pressão e sofrimentos impostos por aqueles que o governam. Deste modo, o autor exalta aqueles comportamentos desvinculados da promiscuidade proveniente da civilização, como a solidariedade e a gratidão. Ao relatar, por meio da memória de Neves, o caso da espingarda deixada por um viajante, que nunca havia sido removida do lugar depositado, Teófilo destaca que a conduta humana deveria pautar-se nestas bases de solidariedade, honestidade, hospitalidade e respeito à propriedade e palavra dadas⁶.

Assim, como os demais intelectuais de sua geração, Teófilo apresenta esta vinculação dúbia em relação ao povo. Povo este que necessita inserir na construção das identidades nacionais e regionais. Como denunciador de suas mazelas se aproxima dele, mas por considera-lo inferior intelectualmente e ser membro de um mundo de credices se afasta. Mas

⁶ Como observa Raymond Williams, é componente comum à crítica literária entender a vida no campo como uma vida mais simples e natural, prenhe de inocência e harmonia, onde as relações humanas são indissociadas da ordem da natureza. Uma visão que vislumbra no campo o paraíso perdido. (WILLIAMS, 1989)

este mesmo “indivíduo atrasado” traz um conjunto de comportamentos e valores, que a “sociedade civilizada” perverteu, e ao intelectual é visto como fundamental para a vida coletiva. Neste jogo de idas e vindas, está marcada sua condição “de não estar de todo” (SUSSEKIND, 1990) junto a seu país e seus conterrâneos.

Quanto à migração cearense para a Amazônia, Teófilo sentia-se fortemente incomodado com a questão da migração. Era um dos que defendia a permanência do cearense na terra. Estabeleceu atritos fortíssimos com aqueles que apoiavam a emigração e explicitou o caráter ambíguo que a migração representava. Enquanto os favoráveis à migração viam-na como um movimento do “cativo para a liberdade”, Teófilo pensava-a na lógica oposta, na medida em que o cearense transformado em migrante “comprava um bilhete para a escravidão”, na qual lhe incomodaria as saudades dos familiares e da natureza na qual nasceu e que formou sua personalidade, e o convívio com uma cultura estranha lhe traria apenas o definhamento do corpo e do espírito. Teófilo estabelecia ainda uma crítica contundente ao Estado, uma vez que este havia negligenciado o bem comum em favor dos interesses individuais de seus líderes. Um crime social para ele ainda maior em virtude das características que a população possuía, já que para o estado poder alcançar uma condição de progresso material e intelectual era necessária a ação de tutoria do governo por meio de suas políticas públicas, educando a população pobre para as nefastas consequências da migração para a Amazônia⁷.

Em inúmeras passagens de **O Paroara** Teófilo utiliza-se do estratagema de comparar as características ambientais (clima, flora, fauna) e sociais do Ceará com as da Amazônia. Essa organização discursiva reveste-se de dois aspectos: a) como método de construção de inteligibilidade para as situações experienciadas pelas personagens na Amazônia, uma vez que uma parte dos prováveis leitores tinham conhecimento deste espaço apenas por meio de relatos orais ou escritos; b) como forma de afirmar a tese do romance: que sob quaisquer

⁷ Rodolfo Teófilo, anos depois da publicação de **O Paroara** mudou sua perspectiva com relação à emigração para a Amazônia. Em **A Seca de 1915** explicita que passou a enxergá-la como única possibilidade de sobrevivência para a população pobre, uma vez que os governos locais eram incapazes de tomar a sério o problema das secas. Essa modificação de pensamento chama-nos a atenção para o cuidado com a historicidade das ideias que, não sendo blocos fechados em si, acompanham as modificações que as experiências de vida imprimem nos sujeitos. (TEÓFILO, 1980)

ângulos a vida no Ceará para estes indivíduos migrantes seria melhor do que a aventura na Amazônia, que só lhes causaria sofrimento e perdas.

E na busca de afirmação da tese, procura Teófilo pontuar todas as quebras de personalidade e rupturas a que os indivíduos migrantes são expostos. Não que o deslocamento a Fortaleza não traga novas formas de referencia social, sobretudo, no que se refere à estruturação dos papéis a serem desempenhados por estes homens. Mas os relacionamentos intergrupais ainda pautam-se pela premissa da conterraneidade, da origem comum. Mesmo que os migrantes pobres sejam vistos como o outro, invasor do espaço urbano, a marca carregada do “ser cearense”, sentimento de identidade ainda em processo de construção, e o compartilhamento de determinadas práticas e costumes faziam com que fosse possível uma identificação com o espaço da capital, o que não pode ser visualizado com relação à ocupação da Amazônia.

Euclides da Cunha também colocava suas ressalvas em torno da migração, destacando, sobretudo, as relações de trabalho no interior dos seringais. Uma estrutura de trabalho escravo, que abandonou o relho e o grilhão, mas que manteve o tolhimento as liberdades, onde ao indivíduo era negado, inclusive, o benefício da terra que ocupava, contribuía para ampliar a crescente decepção de Euclides com os rumos da República. Tratar deste modo ao trabalhador nacional significava para ele um impedimento a consolidação do país enquanto nação, por isso seu brado de indignação, que clama pela necessidade de promoção por parte do Estado de políticas públicas que permitissem salvaguardar a existência destes homens na região, tanto pela aplicação de uma lei do trabalho que regulasse a relação seringueiro-patrão e promovesse, em alguma medida, a fixação do homem a terra (CUNHA, 1966: 234).

Euclides da Cunha ao testemunhar o confronto entre a vontade do homem e a resistência da natureza analisa a presença humana na região amazônica sob dois pontos de vista: povoamento e as formas de trabalho. Quanto à primeira desenvolve um estudo aos “moldes antropológicos” (RIBEIRO, 2007) sobre a ocupação humana das margens do rio Purus, definindo a existência de dois grupos, com características divergentes com relação à forma de atuação sobre o território e que explicariam a celeuma entre Peru e Brasil. Um representado pelos caucheiros, que ao explorarem esta planta com curto prazo de vida (caucho) eram obrigados a uma existência nômade, sendo capazes de descobrir novas terras.

Esse nomadismo seria favorável ao objetivo brasileiro na região, já que pelos acordos anteriores entre os dois países a posse da terra era definida pela fixação no solo (PONTES, 2005). Outro representado pelos seringueiros, real responsável pelo domínio destas terras, heroicos e bravos na luta contra a natureza, inconscientes aliados da diplomacia brasileira. E quanto à presença indígena na região, Euclides faz comentários lacônicos do tipo “É que cederam [indígenas] o lugar a uma imigração intensiva, ou foram absorvidos por ela” (CUNHA, 1966: 722) que parecem diminuir o impacto da invasão e da violência que marcou a tomada dos territórios indígenas para instalação dos seringais (LEONARDI, 1996: 92), como uma das etapas necessária a chegada do progresso à região.

Os seringueiros seriam formados, sobretudo, por migrantes cearenses que fugiam da pauperização das condições de vida ligada a perda da capacidade de produção de suas terras e pela inoperância da ação dos governantes em promover outro tipo de solução. Para Euclides, o processo de embarque dos migrantes já dava mostras da total falta de interesses dos governantes pela sorte destes indivíduos, que reduzidos à condição de objetos sem valor, eram transportadas de qualquer maneira, em péssimas condições sanitárias e de saúde, importando apenas que fossem retirados do campo de visão da “elite benevolente e boa”, uma vez que como diz Euclides:

A multidão martirizada, perdidos de todos os direitos, rotos os laços de família, que se fracionava no tumulto dos embarques acelerados, para aquelas levando uma carta de prego para o desconhecido; e ia, com os seus famintos, os seus febrêntes, e os seus variolosos, em condições de malignar e corromper as localidades mais salubres do mundo. Mas feita a tarefa expurgatória, não se curava mais dela. Cessava a intervenção governamental. Nunca, até os nossos dias, a acompanhou um só agente oficial, ou um médico. Os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem ...” (CUNHA, 1966: 248)

E a chegada a Amazônia intensifica os sofrimentos iniciados na saída do Ceará. Os migrantes, agora transformados em trabalhadores dos seringais são apresentados as condições que constituem para Euclides “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo” (CUNHA, 1966: 232). Tendo que iniciar sua vida no seringal com uma dívida mínima superior a dois contos de reis (referente ao deslocamento, instrumentos de trabalhos, víveres, taxas de possíveis prejuízos dos patrões), veem suas perspectivas de lucros fáceis e retorno rápido a terra natal esvair-se na velocidade em que o “ouro branco” preenche os sulcos feitos pela machadinha e deposita-se no fundo do balde. Ter

que ser solteiro, não poder adoecer, ser probo no consumo (aumentado em muito nas contas do armazém do barracão) e ser um trabalhador incansável (CUNHA, 1966: 233), para ter alguma chance de saldar as dívidas contraídas, deixa claro que a estrutura dos seringais foi feita para manter cativo aos trabalhadores. Uma estrutura de trabalho escravo, que abandonou o relho e o grilhão, mas que manteve o tolhimento as liberdades, onde ao indivíduo era negado, inclusive, o benefício da terra que ocupava, contribuía para ampliar a crescente decepção de Euclides com os rumos da República. Tratar deste modo ao trabalhador nacional significava para ele um impedimento a consolidação do país enquanto nação, por isso seu brado de indignação, que clama pela necessidade de promoção por parte do Estado de políticas públicas que permitissem salvaguardar a existência destes homens na região, tanto pela aplicação de uma lei do trabalho que regulasse a relação seringueiro-patrão e promovesse, em alguma medida, a fixação do homem a terra (CUNHA, 1966: 234).

E mesmo sob o espectro da exploração e do sofrimento, a presença do homem-migrante na região era fundamental. Em carta a José Veríssimo de 05 de junho de 1905 Euclides diz: “Portos de Manoriá, Fronteiras da Cassianã e Novo Triunfo são três sítios florescentes, de laboriosos e robustos cearenses que firmam bem nesses lugares o domínio de nossa terra” (GALVÃO; GALOTTI, 1997: 287).

A apresentação acima confere um caráter positivo à instalação do migrante cearense na Amazônia. Seria este o homem capaz de dominar aquelas terras que a muitos vencera, como franceses, açorianos, que não tinham fatores biológicos para adaptar-se ao meio. Baseando-se em princípios de seleção natural via que a natureza identifica aqueles mais capazes de a ela conviver, numa condição que a exploração da região só dependeria do homem certo. A despeito dos conceitos científicos que vislumbravam o mestiço como degenerante das raças e, portanto, causador do atraso do país, Euclides, pelo menos no que tange o “desbravamento da Amazônia” inverte a ordem e o exalta, uma vez que realiza a principal ambição do homem moderno: moldar a natureza em benefício próprio:

E sente-se bem que ela permaneceria para sempre impenetrável se não se desentranhasse em preciosos produtos adquiridos de pronta sem a constância e a continuidade das culturas. As gentes que as povoam talham-se pela braveza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. Estão amansando o deserto. E as suas almas simples, a um tempo ingênuas e heróicas, disciplinadas pelos revezes, garantem-lhes, mais que os

organismos robustos, e triunfos na campanha formidável. (CUNHA, 1966, 246)

E mesmo que sua presença seja exaltada, o arrependimento parece a consequência inevitável, tanto para Euclides, quanto para Teófilo, da experiência humana nos seringais. A repetição diuturna da estafante tarefa da extração do látex em associação as características fatalista dos homens promoveria uma alteração na visão da realidade por parte destes homens, que de esperançosos em busca da fortuna palpável passavam a apáticos vencidos pelas circunstâncias, condenados eternos a “girar estonteadamente no monstruoso círculo vicioso da sua faina fatigante e estéril” (CUNHA, 1966: 510). A autoconsciência da situação vivenciada, apresentada de modo explícito no texto **Judas Asverus**, indica que compreendiam perfeitamente as consequências da escolha que fizeram, e que somente a eles próprios cabia a culpa por tal situação. Não seria responsabilidade do governo que os esqueceram, tampouco de uma propaganda falaciosa que o haviam feito, mas sim de seu egoísmo/ganância que o induzira a perda do seu bem mais precioso, a liberdade. Em **O Paroara** João das Neves, com os sofrimentos físicos e mentais experimentados, apresenta sentimentos de remorso pelo abandono da terra natal e da família, e um desejo de reaver aquilo que havia perdido. Assim, para Teófilo, para aqueles imprudentes, que se colocaram na posição de migrantes a Amazônia, fazia-se necessário passar pela experiência (correção) para comprovar o que era dito/ aconselhado. No sofrimento entenderiam no corpo e na alma o que não compreenderam pela razão. Nesta versão incompleta do filho pródigo, por mais que retornasse não se encontra mais o lugar como deixou.

Jogando com todo um repertório simbólico de matriz judaico-cristão Euclides constrói o **Judas Asverus** como síntese do indivíduo submetido ao trabalho nos seringais. Começando pelo nome, formado da junção do nome Judas, discípulo traidor de Cristo, punido pela morte e pela tormenta eterna, assim como o seringueiro que ao abandonar os laços afetivos em troca do vil metal teria obtido apenas sofrimento e dor, e do nome Asverus, que teria sido, dentro da tradição cristã, o indivíduo que negou apoio a Cristo durante o calvário (RIBEIRO, 2007), resultando na lenda do judeu errante, condenado a vagar pelo mundo eternamente, assim como o seringueiro é submetido a empreender o trabalho repetitivo pela estrada dos seringais sem descanso, até a completa exaustão, transformando a vida numa “eterna penitencia” (CUNHA, 1966: 264).

A emergência da sexta-feira santa, único dia que modificaria a rotina daqueles homens, pautada em “idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares” (CUNHA, 1966: 263), apresentava aqueles homens e mulheres a possibilidade de desvendar e arrancar das penumbras das matas todos os pesares e sofrimentos que sentiam. O boneco de Judas, depois de pronto, parece assim como a Galatéia grega ganhar vida, e o Pigmaleão-seringueiro assusta-se ante sua sinistra criação, já que não representa a imagem de seu amor, mas de sua dor e autodesprezo. E o boneco ao errar pelos rios da Amazônia promove uma denúncia muda, porque a palavra a estes homens é interdita, seja pela distancia dos demais agrupamentos humanos em que se encontra, seja pela impossibilidade ligada a sua condição social inferior, do processo de exploração sofrida e do arrependimento sentido. Uma vez que não podem promover uma mudança imediata em suas vidas pretendem que no trajeto do rio, único canal de comunicação, outros tomem conhecimento e evitem tornarem-se cópias do “espantalho errante [que] vai espalhando em roda a desolação e o terror” (CUNHA, 1966: 266).

Para Teófilo, a reflexão sobre a vida dos cearenses na Amazônia só poderia ser realizada pautando-se em programa escriturário assentado na verdade dos fatos. Essa defesa irrestrita da verdade como argumento principal para justificativa da escrita, somada a uma sobreposição entre o tempo da narrativa e o tempo vivido, gera uma sensação de indiferenciação entre o fato narrado e o fato vivido, diluindo as fronteiras existentes entre um e outro. Ainda mais quando se pretende demonstrar que o fato narrador tem uma elasticidade temporal, em prospectiva já introjetado como herança familiar e social por meio de transmissão oral, e em perspectiva como uma realidade que fatalmente virá a ocorrer.

Teófilo legitima sua escrita, no conjunto de sua obra, por ter sido testemunha ocular dos fatos que narra. Para a confecção de **O Paroara**, todavia, esta justifica não se aplica. Pelos relatos de seus biógrafos⁸, Teófilo deixou o Ceará apenas durante o período de estudos no curso de farmácia na Bahia (1872-1876) e para buscar materiais para construção de seu vacinogênico. Deste modo, não conhecia *in-loco* a natureza e realidade social da Amazônia.

⁸ José Sombra em **Rodolfo Teófilo, o varão benemérito da pátria** (SOMBRA, 1997) e Lira Neto em **O poder e a peste** (NETO, 2001).

Assim, como entender a escrita de **O Paroara** no todo da produção de Teófilo? Poderia ser tido como ponto fora da curva?

Para se constituir um entendimento da questão é fundamental entender o processo de circulação de ideias e as maneiras como Teófilo delas se serviu para compor o romance. Primeiro, a utilização pelo escritor da produção escrita de outros autores. Teófilo não tinha como prática de escrita, como parte dos escritores do século XIX, a referencia as obras as quais se servia para tecer as argumentações. Em um momento ou outro é possível identificar determinadas ideias disseminadas por um autor ou, ainda, a existência de indicações explícitas, como no meio de uma descrição da natureza amazônica inserir uma nota de rodapé fazendo referencia a um livro de ictiologia de José Veríssimo⁹ (capítulo XLVIII) ou quando esta apresentando o processo de embarque nos navios do Lloyd, indica um debate sobre o arrombamento das lagoas do Catu e da Barra Nova (capítulo XXVI) e seu prejuízo para a açudagem do estado.

Não se pode esquecer, todavia, dentro deste circuito da escrita, o papel desempenhado pelos periódicos. Fonte de acesso mais barato e direto as informações, os jornais promoviam a comunicação interestadual por meio de seções fixas, com indicações do cotidiano das regiões, além de abrir espaço aos relatos de indivíduos locais que estão ou estiveram em transito pela região amazônica. Esta situação o relato oral ajudando a compor e sendo matéria do escrito.

Segundo, e mais difícil de reconstituir, da fala testemunhal de outras pessoas. Dos homens letrados que se viram na condição de migrantes, sobretudo por questões de indisposição com a política local, Teófilo desfrutou do convívio e da amizade de muitos dele, como Antonio Sales e Papi Junior. Estes homens em correspondência e conversas podem ter vindo a muni-lo de importantes informações da viagem, da natureza e das vivencias tidas pelos cearenses na região. Por outro lado não é factível que Teófilo, vivendo em Fortaleza, não tivesse contato com os indivíduos pobres e iletrados que se colocaram na posição de migrantes, ainda mais quando fez contato direto com agrupamentos em situação de fragilidade social durante o período de vacinação da varíola. Um esmoler a pedir uma ajuda, um cego a cantar sua desídia, um homem depauperado que ao parecer saído de um circo de horrores

⁹ Nota de rodapé escrita nos seguintes termos: “As informações sobre ictiologia do Amazonas colhemos n’A pesca na Amazônia, do notável escritor brasileiro o Sr. José Veríssimo.” (TEÓFILO, 1974: 204).

diverte um grupo reunido com seu relato fantasmagórico e fabuloso. Tipos que o caminhante Teófilo pode muito bem ter esbarrado pela Praça do Ferreira ou a porta de sua farmácia na rua Formosa.

Ao fim e ao cabo, a composição de **O Paroara** não gera contradição ao programa escriturário de uma escrita verdadeira proposta por Teófilo. A escrita de cerca de 22 capítulos, descrevendo e relatando uma realidade a qual não teve contato direto e visual, demonstra o quanto a escrita está prenhe da oralidade, colocando em ressignificação o papel do escritor e do leitor na criação da obra, uma vez que Teófilo pretendeu transmitir, de modo didático, para seus leitores a realidade dos seringais, realidade esta que ele mesmo teve contato por meio da fala de outras pessoas, que viram, ouviram, sentiram a região. As relações entre escritor e leitor devem ser postos em outra dimensão, que contemple o autor como leitor, e os leitores como autores.

A escrita literária de **O Paroara**, apesar da busca de exatidão referencial, comportou uma dimensão imaginativa, uma proposta de completar com deduções e inferências, as informações obtidas. Não por acaso, é tida pela Crítica Literária como a obra melhor acabada, no plano do estilo, de Rodolfo Teófilo¹⁰. Ao ser obrigado a se desprender, em parte, do chão da visualidade do cotidiano, Teófilo viu-se na emergência de colocar-se, numa outra dimensão, na condição do outro. Mesmo reproduzindo os estereótipos e preconceitos sobre a população mestiça, o autor constrói um migrante muito mais fidedigno do que o presente em seus livros historiográficos. O tema do migrante só pode ser tratado em obra de ficção.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Ivone. **Sertão um Lugar Incomum**: O sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

¹⁰ Nas palavras de Peregrino Júnior: “A seguir, sobrevém o romance amazônico de Rodolfo Teófilo (1853-1932): *O Paroara* (1899). Rodolfo Teófilo não conhecia a Amazônia. Mas seu livro, apesar do desleixo verbal do autor, é vivo, dando-nos imagem palpitante do êxodo cearense das secas e da escravidão nos seringais, nas solidões verdes do Amazonas.” *O Ciclo Nortista*. In: COUTINHO, 2004: 244

COUTINHO, Afrânio. Realismo, Naturalismo, Parnasianismo. **A literatura no Brasil**. 7ª ed. SP: Global, 2004. (Vol. 4, parte 3 – Era Realista, Era de Transição)

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. SP: Editora Lello Brasileira, 1967. [1ªed. 1909]

_____. **Obras Completas**. Org. sob a direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguillar, 1966. Vol. 1.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Osvaldo. **Correspondência de Euclides da Cunha**. SP: EDUSP, 1997.

GINZBURG, Jaime. Euclides da Cunha, a Amazônia e a barbárie. **Estudos Avançados** 24 (69), 2010, pp. 411-416.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hiléia: a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos: história social dos sertões no Brasil**. Brasília: Paralelo 15, 1996.

NETO, Lira. **O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

PEREIRA, Leonardo A. de M. Literatura e História Social: A “geração boêmia” no Rio de Janeiro do fim do Império. **História Social**, nº 1, 1994, pp. 29-64.

PONTES, Kassius. **Euclides da Cunha, o Itamaraty e a Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Diplomacia). Instituto Rio Branco – Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília: 2005.

RIBEIRO, F. L. **Febre na selva: a Amazônia na interpretação de Euclides da Cunha**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Franca: 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ozângela de Arruda. **Pelas rotas dos livros: circulação de Romances e conexões comerciais em Fortaleza (1870-1891)**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da pátria**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1997.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. SP: Cia das Letras, 1990.

TEÓFILO, Rodolfo. **O Paroara**: cenas da vida cearense e amazônica. Biblioteca da Padaria Espiritual. Fortaleza: Louis C. Cholowiecki Editor, Typ. Moderna a Vapor, 1899.

_____. **História da Seca do Ceará (1877 a 1880)**. Fortaleza: Tipografia do Libertador, 1883.

_____. **A Seca de 1915**. Fortaleza: Edições UFC, 1980. [1ª ed. 1919]

_____. **Violência** (Liceu do Ceará). Edição fac-sim. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2005. [1ª ed. 1905]

VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: historia cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). SP: Cia das Letras, 1991.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Cia das Letras, 1989.